

Cidadania resgatada nas salas de aula

ERIKA KLINGL
DA EQUIPE DO CORREIO

Com apenas 13 anos, Maria Augusta já pode contar por aí que foi salva. É verdade que ela não sabe ainda a sorte que teve. Muito menos que o resgate veio de um lugar cada vez mais distante da vida da garota, uma das mais novas de uma casa com oito irmãos: a escola. Até o início do ano, Maria Augusta andava com uma das gangues das quadras 800 do Recanto das Emas, uma das regiões mais perigosas da cidade, que fica a menos de 25km de Brasília. Com muito jeito, a direção do colégio e os professores convenceram a menina a participar o coral da escola. A auto-estima da garota começou a subir e ela se sentiu livre para ir mais além. Nesta semana, a estudante da quinta série começou o seu trabalho voluntário de monitora na escola para as turmas mais novas.

"Eu estava mexendo com coisa errada. A galera armava pichação, uns roubos, caçava brigas e outras coisas", conta. "Hoje eu não mexo mais com essas histórias", completa Maria Augusta. O esforço para resgatar cada aluno em um ambiente permeado pela violência é grande, mas vale a pena. "Conseguimos uma, ótimo, mas existem outras dezenas. Cada comunidade escolar tem de reagir à sua maneira para trabalhar", conta o professor Flávio Miguel, do Centro de Ensino Fundamental 802.

A estratégia encontrada por outros professores da mesma escola foi o esporte. Paulo Henrique Guimarães e Christian Botelho montaram um dos

melhores times de futebol de estudantes do ensino fundamental do Distrito Federal. "A comunidade é muito violenta, sem políticas sociais adequadas. Os estudantes têm várias carências. Nosso trabalho, mais do que de professor é de educador", comenta Guimarães. Os meninos acumulam medalhas, mas a vitória que vale é outra. Kelvin Júnior, 15 anos, Rogério Lages, de 16 anos, e os outros jogadores do time encontraram nos jogos, uma saída para o ócio e, ainda melhor, uma nova fonte de respeito, disciplina e limite. "Para vencer, a gente tem de levar o que o professor diz a sério", contou Rogério ao *Correio*, na última quinta-feira. No dia anterior, ele tinha conseguido convencer um grupo de garotos do Recanto a não brigarem com ele, na base da conversa. "Fiquei até mais esperto", brinca.

Assaltos

A violência nas escolas do DF é cada vez mais comum. São ameaças entre alunos, agressões a professores, furtos em sala de aula e presença constante de drogas e álcool na redondeza dos colégios. Na parada de ônibus do Centro de Ensino Fundamental 111, são pelo menos dois assaltos por dia. "Ouço diariamente a queixa de estudantes que tiveram celulares e bicicletas roubados", conta o diretor Clóvis Fonseca Coelho. Eleni Cássia, de 17 anos, é uma das que viveu essa experiência. "Moro perto daqui e venho a pé todos os dias. Era antes das 7h30 quando levaram minha mochila com telefone, caderno e tudo dentro", lamenta. Hoje, ela conta com os amigos

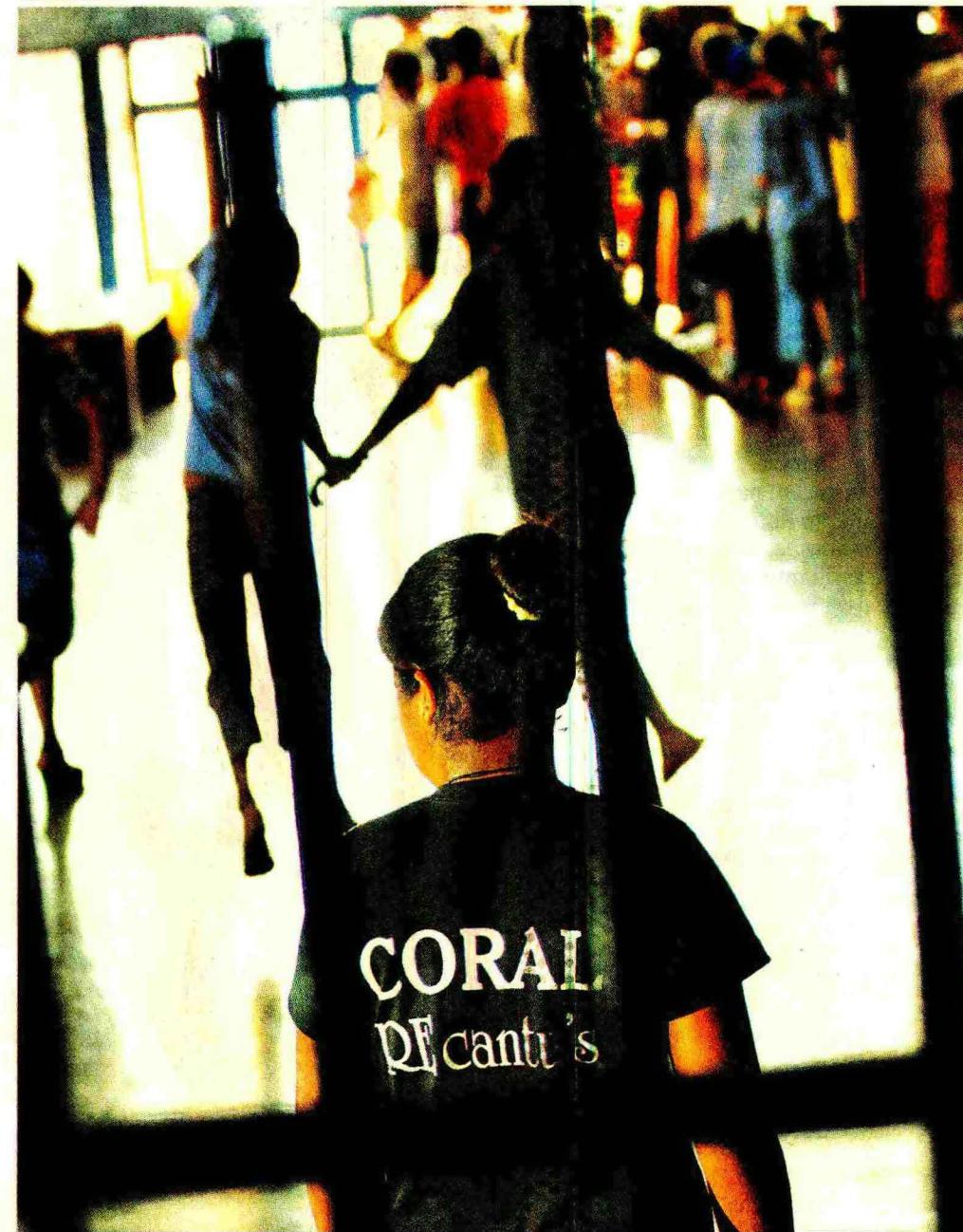
Dayvid Antônio, 17 anos, e Alisson Ranier, 18 anos, para andar tranquila.

Os três fazem parte de um projeto idealizado pelo professor de matemática Geldo Ferreira de Araújo, para manter nos jovens a crença no futuro. A saída escolhida foi a música. "Eles tocam em uma banda constantemente durante o intervalo. Além disso, ajudam na rádio da escola", comenta o professor. "Atualmente, o sistema escolar é o único responsável por educar a juventude. Só na sala de aula, não será possível."

Além da ausência dos pais na formação dos jovens, um dos principais desafios da região é o combate às más influências. "Do lado de fora dos altos muros do colégio também estão traficantes vendendo drogas à luz do dia. A polícia vem aqui e menos de uma hora depois eles voltam", relata o diretor. O jovem Diego Felipe, de 17 anos, tem medo de ir e voltar para a escola todos os dias. A mãe dele chegou a dar uma bicicleta para o garoto para que ele possa se locomover mais rápido. A estratégia não evitou, no entanto, o sofrimento do jovem.

Na quinta-feira, quando falou com a reportagem, Diego tinha acabado de enterrar o amigo Welton Rodrigues Ribeiro de Jesus, de 20 anos. Os dois, além de vizinhos, estudavam na mesma turma de segundo ano do ensino médio da 111. Welton foi morto com quatro tiros enquanto esperava a namorada. De acordo com a família e amigos, o alvo era um conhecido do jovem que levou um tiro e passa bem. "Às vezes, em lugares violentos como o Recanto, basta estar no lugar errado para morrer," lamenta o estudante.

Carlos Vieira/CB



EXEMPLO

COM A VIDA MARCADA PELA VIOLÊNCIA DAS GANGUES, MARIA AUGUSTA, DE APENAS 13 ANOS, ENCONTROU NA ESCOLA A OPORTUNIDADE DE VOLTAR A ACREDIR NA ESPERANÇA DE VIVER UM FUTURO COM MAIS DIGNIDADE E RESPEITO

União com a comunidade

Depois de um período muito difícil nos corredores do Colégio de Ensino Médio Setor Leste, hoje os dramas, brigas e vandalismo estão controlados. Não foi necessário expulsar alunos e nem criar um clima de repressão em sala de aula. A solução veio da integração de professores e comunidade, com ajuda do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). "Antes da criação do conselho de segurança escolar, há cerca de dois anos, a direção tinha que lidar, diariamente, com problemas ligados às drogas, bebidas, pichações e brigas de gangues", afirma o diretor do colégio, Sidney Marinete. "Hoje ainda temos problemas, mas são moderados quando comparados a outras escolas e à sociedade em geral."

A estratégia de trazer a população para dentro das instituições de ensino parece ser uma solução concreta para combater a violência nas escolas. Além das medidas de segurança, os diretores das unidades trabalham com programas educativos em conjunto com a comunidade. Isso para que a própria vizinhança sirva de multiplicadora e conscientizadora, além de funcionar como fiscal do patrimônio público. Assim como o Setor Leste, outras 20 escolas do DF já aderiram ao trabalho do Grupo de Apoio à Segurança Escolar (Gase), criado em 2002 pelo MP. A iniciativa chegou a ser destaque da Organização das Nações Unidas (ONU), que recomendou a implementação da prática em outras escolas do DF e outros estados.

De acordo com um dos idealizadores do projeto, o promotor de Justiça Rubim Lemos, o programa cria dentro de cada instituição um conselho de segurança escolar formado por professores, alunos, diretores, vigilantes e policiais militares para discutir questões de segurança e repressão à violência. "A ideia é instituir um projeto de cultura de paz e reeducar quem já está ali", resume. A expectativa, segundo ele, é que o Ministério Público capacite, pelo menos, 10 instituições por ano. "Escolas que encabeçavam a lista de problemas hoje mostram que é possível mudar conceitos preestabelecidos, com boa vontade e apoio da comunidade. Temos resultados concretos de que, quando ensinamos a cidadania, a população exerce", disse o promotor.

ENTREVISTA

MIRIAM ABRAMOVAY, socióloga, secretária-executiva do Observatório Ibero-americano de Violência nas Escolas

"O PROBLEMA É O DIÁLOGO DE SURDOS"

A escola parou no tempo e não consegue atrair a juventude e, muito menos, entender as demandas de crianças e adolescentes. O resultado é imediato: um ambiente de conflito. A análise é da socióloga Miriam Abramovay, secretária-executiva do Observatório Ibero-americano de Violência nas Escolas que já coordenou diversas pesquisas para o Fundo das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência (Unesco), como o recém-lançado livro *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade*. "O descompasso cria um grande conflito porque o ambiente escolar fala e exige uma linguagem e os jovens falam e querem outra, completamente diferente. O principal problema é o diálogo de surdos", disse, em entrevista ao *Correio*.

A violência no ambiente escolar aumentou?

Apesar de não existir um banco de dados que permita comparação da quantidade de casos violentos nas escolas, é evidente que houve aumento. Podemos inferir, por meio de pesquisas, que aumentou violência na sociedade em geral e isso acaba permeando o ambiente escolar.

Que violência é essa?

Existem dois fenômenos distintos e que chamam muita atenção. O primeiro é a violência cotidiana que assusta os professores e alunos e chega a colocá-los como vítimas de agressões físicas e psicológicas. Esse fator é causado, principalmente, pela ausência de uma política pública orgânica para enfrentar as questões. Além disso, vemos a violência crescente por parte das meninas. Elas estão assumindo um comportamento agressivo semelhante ao que antes era esperado apenas dos meninos.

E, em que momento, houve o agravamento do cenário?

O jovem mudou, a sociedade mudou e, conseqüentemente, os valores são outros. A escola, no entanto, parou no tempo. O descompasso cria um grande conflito porque o ambiente escolar fala e exige uma linguagem e os jovens falam e querem outra, completamente diferente. O principal problema é o diálogo de surdos. As mudanças começaram com o aumento da autonomia de jovens e crianças que têm mais voz e estão atuantes. A escola está fechada para ela mesma.

Como devemos combater o problema?

Primeiro passo é admitir a violência. Não adianta falar em qualidade do ensino se não enxergarmos o cenário de violência que permeia o ambiente escolar. Temos que conhecer os problemas. Adotarmos a política do avestruz e negar a existência do problema só vai criar mais medo e violência.

Qual o papel da polícia nesse processo?

A primeira tentativa é de colocar a polícia dentro da escola. Isso não adiantou em lugar nenhum. Os Estados Unidos fizeram isso e o resultado foi o oposto.

Então qual deve ser a saída?

É fundamental trabalhar em conjunto. Os professores têm de ouvir a juventude e saber as demandas dos alunos. Para isso, seria fundamental que eles passassem por cursos de capacitação para abordar temas como racismo, drogas e sexualidade. Outra estratégia bem sucedida é a escolha de mediadores de conflito. Tanto professores quanto alunos podem assumir esse papel e trabalharem de forma a prevenir as brigas.